



A mulher na literatura e na educação: um olhar de gênero na Revista *Mátria*¹

LOPES, Margarete Edul Prado de Souza Lopes²

RESUMO: Este artigo é resultado das minhas pesquisas no PIBIC, adotando como corpus a Revista *Mátria*, da Confederação dos Trabalhadores em Educação, lançada anualmente no dia 08 de março, desde 2003. A revista apresenta diversas matérias ilustrando o protagonismo feminino em todas as áreas das Ciências, Artes, Ciências Humanas e Sociais, Saúde, Exatas, Artesanato, Política e Poder. A pesquisa foi realizada nos anos de 2014 e 2015, lendo e analisando todas as matérias relativas à Literatura e Educação. Também foram trabalhadas as áreas de Estudos de Raça, Política e Violência Contra a Mulher. De viés teórico adotamos Rita Teresinha Schimidt e Ívia Alves, em seus estudos cruzando Educação e Gênero, Literatura e Crítica Feminista.

PALAVRAS-CHAVE: Mídia impressa; Revista *Mátria*, Protagonismo feminino; Literatura e Educação.

INTRODUÇÃO

Começamos a trabalhar com a *Revista Mátria*: emancipação da mulher, através de bolsistas de PIBIC, no ano de 2011, com Rebeca Rocha, do Curso de Pedagogia da UFAC; depois, em 2013/2014, mais duas bolsistas, Maria do Carmo Ferreira Sandro e Diulianne Sobralino Rebouças, também trabalharam com a revista *Mátria*, totalizando 3 relatórios de pesquisa para o Grupo de Pesquisa de Estudos de Gênero, de Raça e Geracionais, coordenado por mim, no Centro de Educação, Letras e Artes, da Universidade Federal do Acre, desde maio de 2006, dentro da minha Linha de Pesquisa de Literatura, Gênero e Raça. Eu realizo pesquisas nas áreas de Letras e Educação, e trabalho desde 2011 com os cursos de Letras e Pedagogia. Estes trabalhos resultaram em apresentações de comunicações orais nas III, IV e V Jornada de Estudos de Gênero e Literatura organizados por mim, também na UFAC, dos quais foram publicados Anais com artigos científicos em coautoria com as bolsistas PIBIC, em 2013 e 2015.

A Revista *Mátria* fornece material rico de estudos para as áreas das Ciências Humanas, sendo um periódico editado e dirigido pela Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação. A revista já teve 14 números publicados de 2003 a 2016,

¹Trabalho apresentado ao GT História da Mídia, do IV Encontro Regional Norte de Historiografia da Mídia, realizado em 19 e 20 de maio de 2016.

² Professora Doutora do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal do Acre – Ac.

com capas belíssimas, ilustrando mulheres brasileiras e estrangeiras que foram ou são expoentes em seu mister e labores, tais como a presidente Dilma Rousseff (*Revista Matria*, 2011), a cantora Mercedes Sosa (*Revista Matria*, 2010), a filósofa esquerdista Simone de Beauvoir (*Revista Matria*, 2009); a poetisa Cora Coralina (*Revista Matria*, 2008), a senhora Maria da Penha (*Revista Matria*, 2016), que deu nome à Lei de 2006, que penaliza a Violência contra a Mulher; além de várias educadoras, advogadas, médicas, sociólogas, juízas, líderes feministas, atrizes, etc.



Este artigo comenta a pesquisa feita até o momento sobre este periódico e tem como foco central o protagonismo da mulher nos espaços da literatura e da educação na *Revista Matria*, porque antes de tudo é uma revista da área de Educação, dos trabalhadores em Educação e, como sabemos, vários estudos de pesquisa universitária apontam a feminização crescente do magistério em todo o Brasil, durante as últimas décadas, bem como assinalam a área da Educação como um fórum privilegiado no qual ecoam as vozes femininas.

Ivia Alves afirma que, quando analisamos qualquer ensaio, artigo, romance, conto, novela, poemas, cartas, crônicas ou reportagens de revista ou jornal, nós devemos observar qual o ponto de vista demarcado pelo conteúdo estudado; de qual lugar dentro das classes sociais fala a voz emissora/condutora do texto, ou narrador, ou eu-lírico; é a voz do colonizador ou do colonizado? Do homem ou da mulher? Do branco ou do negro? Da elite ou da periferia? Alves propõe um novo modelo para analisar/criticar a escrita e produção de autoria feminina, porque os postulados da Modernidade e suas teorias críticas são produtos do patriarcado e sempre utilizaram modelos machistas de análise científica. Ela retomou “todas as discussões e questionamentos que vêm desconstruindo o paradigma epistemológico da Modernidade, discussões que também



atravessam o campo dos estudos literários desde a década de oitenta” (ALVES, 2011, p. 06).

Por conseguinte, nossa intenção neste artigo é ler criteriosamente alguns artigos da Revista *Mátria*, mostrando mulheres das letras e da educação por novos vieses de crítica, fora do machismo e do discurso masculino que imperou na prática investigativa e teórica dentro do âmbito acadêmico. Na verdade, queremos ler a produção de autoria feminina de forma alternativa ao código hegemônico. Estamos falando dos pressupostos de análise que Rita Terezinha Schmidt descreve no seu artigo “Cânones e contra-cânone: nem aquele que é o mesmo, nem este que é o outro”, de 1996, os quais são: “Como e de onde nos fala um texto? Que sobre determinações interagem em seus códigos discursivos e representacionais? Que leitores são por ele constituídos?” (SCHIMIDT, 1996, p.115-121).

Quanto às nossas primeiras pesquisas PIBIC com a *Revista Mátria*, a primeira bolsista trabalhou as origens da Revista, sua função principal, metas e contribuições, verificando que a *Mátria* ganhou este nome em oposição a *Pátria*, pois como diz o Hino Nacional: “Dos filhos deste solo, és mãe gentil”, portanto, o Brasil é nossa *Mátria* e não *Pátria*, que é termo derivado de pai e patriarcado, enquanto *Mátria* se deriva de mãe, materno. Rebeca Rocha também verificou que a Revista começou a ser publicada em 2003, com periodicidade anual e sendo lançada sempre no dia 08 de março de cada ano, por ser o dia Internacional da Mulher, sendo, portanto, uma revista que trata somente da mulher e do protagonismo feminismo no Brasil e no mundo.

A Revista promove a ideologia política do PT, sob cujos governos (Lula e Dilma Rousseff) tem sido editada e publicada, tendo como destaques os grande momentos da História da Mulher no Brasil e no mundo. A revista começou a circular em 2003, quando se iniciou o governo Lula e permanece circulando até 2016, quando já estamos no segundo mandato da presidente Dilma Rousseff. Portanto, é um produto do governo de esquerda, centrado nas questões sociais que envolvem as mulheres, e tem como diretriz fornecer um espaço de empoderamento para as brasileiras, divulgar suas contribuições e ações afirmativas. A revista tem sido há 13 anos um lugar privilegiado de tratamento das políticas públicas para as mulheres e de promoção da igualdade de gênero.

Na primeira edição da *Revista Matria* (2003), podemos ler sobre a importância das políticas públicas para o empoderamento feminino e para aumentar a presença das mulheres em todas as áreas de conhecimento e de atuação, seja nas ciências, na saúde, na educação, política ou letras.

Ampliar a presença das mulheres em diferentes espaços de participação dependerá sempre do alcance das políticas de igualdade implementadas pelos governos e pelas entidades de representação social, inclusive sob a forma de cotas, sempre avançando rumo a uma política de paridade. Na realidade, tais políticas se constituem como verdadeiros princípios promotores da inclusão, a estimular a mudança de mentalidade e de práticas políticas (MÁTRIA, 2003, p.07).

Como forma de dar destaque à contribuição histórica e cultural da mulher, algumas edições dão ênfase aos marcos legais ou fatos históricos que distinguem a trajetória das conquistas femininas no Brasil. A edição de 2007 é especial, comemorativa da criação da Lei Maria da Penha, implantada e promulgada em 2006, que foi uma das maiores conquistas femininas no campo do enfrentamento à violência contra a Mulher. A capa da revista mostra uma rosa vermelha cuja sombra é de uma mulher na hora do espancamento e com o seguinte título da manchete “Lei Maria da Penha: mulheres à sombra da violência recuperam a dignidade”. Dez anos depois, novamente comemorações alusivas à Lei Maria da Penha e dessa vez com a própria Maria da Penha na Capa.



A lei mais rígida se fez necessária perante o silêncio das vítimas em face de evidências chocantes concluídas em estudos sobre o tema. Pesquisa da Fundação Perseu Abramo (voltada à formação política e ao debate dentro e fora do Partido dos Trabalhadores) divulgada em 2001, apontava para mais de dois milhões de ocorrências de violência doméstica e familiar por ano, no país (MÁTRIA, 2007, p. 02).

Além da importantíssima edição de 2007, temos na edição de 2010, as comemorações de 100 anos da existência do dia 08 de março, como o Dia Internacional da Mulher, instituído em 1910, durante a II Conferência de Mulheres Socialistas, realizada em Copenhague, quando foi aprovado este dia para ser o dia da Mulher no mundo todo. Em seguida, na edição de 2011, foi devidamente destacada a posse da primeira mulher na presidência da república, Dilma Rousseff, cuja foto ilustra a capa dessa edição. Foi uma das maiores conquistas das mulheres no espaço de poder, eleger uma mulher como autoridade máxima do país. Por fim, também foi uma edição especial e comemorativa, a edição de 2012, no qual se comemorou os 10 anos de existência da *Revista Matria*, ilustrada criativamente com a foto de uma menina de exatos dez anos, tal qual a revista e com a manchete: “Mais Futuro para as Mulheres”.



Diulianne Rebouças, nossa segunda bolsista PIBIC, pesquisou na *Revista Matria* todas as matérias acerca da Educação no Brasil, mostrando o trabalho pioneiro ou de inovação das professoras no ensino básico e médio. Foram mulheres que propuseram adequações e atualizações nos Currículos, olharam que fosse cumprido o marco legal que exige o ensino de conteúdos afro-brasileiros e africanos na escola básica, envolvendo os estudos da cultura e da história da negritude brasileira, desde os tempos da escravidão.

Maria do Carmo Sandro trabalhou na mesma linha de pesquisa de Rebouças, mas sua temática de estudos foi centrada nas mulheres em destaque nas Letras, Artes, Literatura e Música. Foram encontradas diversas reportagens com cantoras, escritoras e artistas plásticas. As três bolsistas trabalharam as edições de 2003 a 2014, porém em nosso artigo atual também incluímos os números dos anos 2015 e 2016. Estamos sempre nos atualizando em relação ao andamento e progresso da revista.

Feita toda a descrição das características da *Revista Matria* e da nossa pesquisa até o momento, escolhemos para comentar e discutir os artigos sobre Cora Coralina e

Simone de Beauvoir, por serem mulheres das Letras. Além de um artigo sobre educação no Brasil, mais pertinente a respeito do protagonismo feminino de professoras da escola básica.

Iniciando por Cora Coralina, em artigo intitulado “Uma vida semeada por palavras” (Mátria, 2008, p. 24-29), conta-se a história da mulher libertária que, aos 77 anos, mostrou ao Brasil e ao mundo, pois suas obras foram traduzidas para outros idiomas, a sabedoria que norteia a vida através de versos ancestrais.

A reportagem descreve a mulher que nasceu num grande casarão, que pertenceu à sua família por cerca de um século, no interior de Goiás, filha de um desembargador e que começou a escrever contos e poemas aos 14 anos (Mátria, 2008, p. 24). Embora tenha começado tão cedo a escrever, somente foi revelada aos leitores e se tornou conhecida pela divulgação feita pelo poeta Drummond de Andrade que leu seus poemas e escreveu cartas sobre isso nos anos 1980. A professora Ebe Maria Siqueira afirma que Coralina foi uma mulher à frente de seu tempo, uma vez que “abriu grechas e enfrentou uma a resistência de uma sociedade conservadora e patriarcal” (Mátria, 2008, p. 25).



A reportagem relata que Cora Coralina viveu em sua cidade até vinte poucos anos e depois foi viver com um homem divorciado em São Paulo. Tal atitude não era aceita na época e ela foi vista por muitos como uma simples prostituta. Ela tinha um modo de pensar avançado para seu tempo e rompeu tabus, pois teve um comportamento fora dos moldes da sociedade patriarcal machista. Até hoje a cidade dela ainda se divide entre aqueles que têm orgulho da notoriedade que ela trouxe para a história local, e outros que nunca perdoaram suas ações. Assim mesmo, nada disso ofusca seu talento e importância para a história da literatura brasileira.



A verdade é que o legado que Cora deixou ultrapassou as fronteiras da cidade, do estado e do País. Hoje, sua obra é estudada nas principais instituições de ensino da França, Alemanha, Estados Unidos e Canadá, entre outros. “A cidade ainda é muito ingrata com Cora”, lamenta Ebe (MÁTRIA, 2008, p. 25).

Cora Coralina viveu 40 anos em São Paulo, cidade onde começou a atuar como ativista social e promoveu várias ações, retornando para sua cidade natal aos 67 anos, depois de viúva (2008, p. 26). Ela voltou a morar na mesma Casa do Rio Vermelho, casa de sua infância e passou a fazer doces para se sustentar e declamava sua poesia aos compradores, quando vendia os doces pela janela. Assim viveu, recolhida e recatada fazendo doces dentro do lar até a sua morte (2008, p. 27 e 28). Viveu assim desta forma solitária porque a cidade não a recebeu bem e nunca lhe perdoou seu passado de ex-mulher de homem divorciado. Ela foi sempre vítima de preconceito de gênero.

Foi uma exímia poetisa. Escreveu uma poesia extraordinária, descoberta por Drummond, e um de poemas mais famosos se intitulada *Oração do Milho*, em que Cora escreveu: “Senhor, nada valho/ Sou a planta humilde dos quintais pequenos e das lavouras pobres/ Meu grão, perdido por acaso, nasce e cresce na terra descuidada...” (2008, p.25). Após sua morte, sua casa se tornou o Museu Cora Coralina, e seu quarto foi preservado em todos os detalhes. Existe um movimento na cidade para manter sua memória viva, através do grupo literário Sodalício (2008, p. 29). Sobre Cora Coralina, escreveu Norma Telles:

Como se esquecer dos cadernos de anotação e inspiração de Ana Lisboa dos Guimarães Peixoto Bastos, nascida numa casa antiga em Goiás Velho, em 1889. Casa ancestral que no final do século XX ela descreverá em livro, casa assombrada por memórias dos tempos e glórias passadas, por fantasmas da infância. Ali cresceu e se fez jovem. E seus anseios extravasaram a velha casa. Ana saiu, fez um belo nome como doceira, fez toda uma vida. “Pobre, vestida de cabelos brancos, voltei...” Ana voltou Cora Coralina. Ana cursara somente o primário, mas poetara desde os 14 anos. Morreu, na casa velha da ponte, em 1985, Cora Coralina, doutora honoris causa pela Universidade de Goiás, membro da Academia Goiana de Letras e tendo recebido, como poeta e ficcionista, o troféu Jabuti e o prêmio Juca Pato, como intelectual do ano em 1984 (TELLES, 2004).

Em seguida, na edição de 2009, a *Revista Mátria* dá um presente enorme para as leitoras, com o artigo sobre o ícone do feminismo mundial Simone de Beauvoir, em homenagem aos 100 anos de nascimento da autora, em 2008. A capa traz uma foto da



grande ativista Beauvoir ainda jovem, com os dizeres: “suas lutas feministas continuam atuais”. A escritora ficou famosa com sua sentença “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. Beauvoir integrou o grupo de filósofos que deram transcrição literária aos temas do Existencialismo. Viveu mais de 50 anos com Jean Paul Sartre, com quem nunca se casou oficialmente, mantendo relações paralelas com outros parceiros e parceiras, e nunca teve filhos. Este comportamento chocou e anda choca os mais conservadores e aficionados das normas patriarcais.

Mátria traz uma interessante reportagem analisando qual legado teria deixado Beauvoir após 100 anos de seu nascimento. A matéria constata que as mulheres se desfizeram dos espartilhos, lutaram e conquistaram o direito de votar; tiveram acesso à educação superior, conseguiram o controle da maternidade e obtiveram reconhecimento profissional. Existem na atualidade mais mulheres que homens na universidade, porém na *Mátria* se afirma que:

Mas, apesar da repercussão mundial da obra de Simone de Beauvoir e de sua influência na luta feminista ao longo do século XX, a brecha entre os sexos permanece. No Ocidente, as mulheres têm menos oportunidades que os homens de chegar a cargos importantes, com remuneração inferior no desempenho de tarefas iguais (2009, p.26).

A verdade, segundo a revista, é que o rico legado de Beauvoir se reflete em maior ou menor proporção por todo o planeta. A autora continua atual, ainda existe espaço para seus pensamentos em nossos dias porque os problemas levantados por ela em seus escritos ainda se apresentam em nossa realidade,

Basta dizer que muito embora as mulheres tenham alcançado certa ascensão social, ainda não temos uma resposta para a pergunta posta por Beauvoir em *O Segundo Sexo*: “O que é ser mulher?” Ou seja, o que é existir enquanto mulher? (MÁTRIA, 2009, p.27).

A matéria sobre Beauvoir ainda faz uma síntese da biografia da autora, descreve a visita que ela fez ao Brasil com Sartre, em 1960, menciona o sucesso absoluto de vendas de seu livro mais famoso *O segundo Sexo*, que foi traduzido para 40 idiomas, livro em que a autora examina a condição feminina em todas as dimensões: a sexual, a psicológica, a social e a política. E propõe os caminhos que podem levar à libertação não somente das mulheres como, sobretudo, dos homens (MÁTRIA, 2009, p. 29).

As matérias da revista *Mátria* são ricamente ilustradas, na reportagem sobre Cora Coralina se apresentam fotos do casarão em que a autora nasceu e viveu grande parte da vida, de pessoas que a conheceram em vida e participaram de seus afazeres de



doceira. No artigo sobre Beauvoir, as fotos escolhidas mostram o rosto da autora em diferentes idades e uma fotografia de Juliana Albuquerque, grande estudiosa da autora, uma pesquisadora que considera que as ideias de Beauvoir continuam inquietando as novas gerações no Brasil.

Quanto à temática da Educação, escolhemos comentar o artigo intitulado “Igualdade de gênero agora é matéria oficial”, texto da edição de 2013, quando parecia que o feminismo finalmente abria uma luz no fim do túnel, através da atualização dos currículos da escola básica, encontrando um caminho de sensibilizar a sociedade para as questões de gênero e preparar as futuras gerações para uma sociedade mais igualitária. A reportagem descreve e discute a implantação em escolas do Distrito Federal de uma nova disciplina no currículo escolar: questões ligadas à violência contra a mulher, ao preconceito e à discriminação são abordadas durante o período letivo, como conteúdo integrante das diversas disciplinas (2013, p.36). A intenção era tornar o assunto corriqueiro e natural nas discussões e nos trabalhos desenvolvidos com os alunos e a comunidade.

A decisão teve como base o fato de Brasília ter o maior número de denúncias envolvendo ações de violência contra a mulher no País. E o objetivo era incluir as questões de gênero em todas as disciplinas em que pudesse se encaixar, nas aulas de literatura, história, matemática, tornando a discussão de gênero habitual no contexto escolar:

No desenvolvimento de seu trabalho, o professor pode, por exemplo, escolher um texto de Literatura, que fale da mulher e, a partir dele, estabelecer uma conexão com outro, de História, ou, em relação à Matemática, escolher um material que trate do percentual de mulheres mortas ou agredidas (MÁTRIA, 2013, p.36).

No entanto, passados três anos desta iniciativa pioneira nas escolas de Brasília, a luta feminina tem enfrentado um retrocesso, em razão do fundamentalismo religioso e da aprovação pelo Senado de medidas como o estatuto da família, que considera legítimos somente os filhos de pais biológicos de sexo diferente e ainda a chamada “Ideologia de Gênero”, distribuída em apostilas nas escolas, afirmando que as questões de gênero são negativas, pervertem os valores da família burguesa e patriarcal, e desviam as futuras gerações do bom caminho em devem andar. A *Revista Mátria* de 2015 mostra e comenta exatamente este retrocesso, o retorno ao machismo. A edição

traz uma repotagem de capa revelando como as professoras do Ensino Básico se posicionam hoje em relação aos estudos transversais de Gênero e Raça.



Assim, caíram por terra as metas de promover uma sociedade mais justa, conforme anunciava a reportagem da *Revista Mátria*, em 2013, e visitando as mesmas escolas do Distrito Federal seria possível encontrar os mesmos estudos de gênero nas disciplinas mencionadas acima? A triste realidade do momento atual demonstra o retrocesso.

Em conclusão, podemos afirmar que a *Revista Mátria: emancipação da mulher* é uma revista de qualidade, editada com papel de alto gabarito, bem colorida e ilustrada, com matérias cuja temática é da maior importância para tratar das condições de vida da mulher na sociedade brasileira atual, e comprovar de fato o protagonismo feminino. Fizemos uma breve leitura somente de três artigos, mas foram suficientes para atestar a qualidade de alto nível da revista, que de fato está cumprindo seu papel de emancipar as mulheres de todas as áreas de conhecimento e atuação. A revista é mais que feminista, é um espaço de empoderamento feminino, é um local de discussão dos assuntos mais caros, polêmicos, conflitantes que as mulheres brasileiras vivem hoje.

Selecionamos como temas deste artigo falar do protagonismo feminino nas letras e na educação. E as autoras homenageadas pela revista não poderiam ser melhores selecionadas, como é o caso de Cora Coralina e Simone de Beauvoir, que foram ícones nas letras e ainda o fato da revista mostrar todas as inovações que os estudos de gênero estavam trazendo na área da Educação. Todavia as resistências do fundamentalismo religioso e dos valores patriarcais enraizados em nossa sociedade continuam



construindo barreiras e entraves para que se possa promover a igualdade de gênero em território nacional.

Ainda sobram muitos artigos para escrever em relação a esta instigante e imprescindível revista feminista, principalmente no que tange à evolução dos sistemas de luta e enfrentamento à violência contra a mulher, mediante as novas leis, atitudes e medidas punitivas, que a revista foi registrando ao longo dos anos. Esperamos que a revista continue sendo editada por muitas décadas, independente do partido político que esteja no governo, pois sua importância é imensurável como espaço de abertura para expressão de todas as vozes femininas. Sejam elas de todas as cores, religiões, gerações, de qualquer estado civil e ou preferência sexual.

Nunca antes o Brasil teve uma revista desta natureza, que foge aos padrões machistas das revistas femininas de grande circulação como a Revista Cláudia, Nova, Capricho, espaço de controle do comportamento, atitudes e costumes da mulher, para mantê-la presas aos valores patriarcais e ao modelo de mulher que nasce para ser somente “bela, recatada e do lar”.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ivia. Uma questão conflitante: a categoria do estético na produção de autoria feminina. In: BRANDÃO, Izabel; MUZART, Zahidé. **Refazendo nós: ensaios sobre mulher e literatura**. Florianópolis: Mulheres, 2003. p. 491-498.

ALVES, Ivia. Uma questão conflitante da modernidade II: pode-se até explicar os critérios de exclusão das mulheres na modernidade, mas não se pode aceitar, in: **Anais do I Colóquio de Estudos de Gênero na Amazônia: poder e violência doméstica**. Rio Branco: ADUFAC, 2010.

SANDRO, Maria do Carmo Ferreira de Souza; LOPES, Margarete Edul Prado de Souza. Mulheres tecendo artes da Revista Matria: contribuição feminina na Música, Pintura, Jornalismo e Literatura, In: LOPES, Margarete Edul Prado de Souza. **Caligrafias e escritas: estudos de gênero e cultura**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015.

MOURA, J. R. **História da Mídia**. Rio Branco: Ed. Novo Tempo, 2019.

SCHIMIDT, Rita Terezinha. Canone/Contra-Canone: Nem aquele que é o mesmo nem este que é o outro In: CARVALHAL, Tania Franco. **O discurso crítico na América Latina**. Porto Alegre: IEL/Unisinos, 1996. p. 115-121.



TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras, In: (Org.) DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres no Brasil**. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004.